

## O ARQUIVO E A BIBLIOTECA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

**João Paulo Coelho de Souza Rodrigues\***

O centro do Rio de Janeiro, apesar de seu caos característico de grande centro urbano, ainda conserva, ao contrário da cidade de São Paulo, muito de seu aspecto do início do século. Muitos são os prédios – e até mesmo algumas ruas – que sobreviveram às demolições e reformas empreendidas ao longo das décadas. Destes, boa parte – sobretudo edifícios públicos, tais como o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes – apresentam uma forte influência arquitetônica do neo-classicismo da *Belle Époque*, que aqui aportou via influência francesa. Um irmão menor dos prédios acima elencados é o palacete em que se encontra, desde 1923, a sede da Academia Brasileira de Letras, uma cópia em escala menor do Trianon de Paris – daí que o dito palacete tenha recebido o apelido de *Petit Trianon*. À parte sua singela beleza arquitetônica, sem os exageros “barrocos” de um Theatro Municipal, por exemplo, a sede da Academia guarda algumas preciosidades que muito deveriam interessar aos historiadores que trabalham com literatura e intelectuais brasileiros do século XIX e virada para o XX.

A ABL, que completou seu centenário em julho deste ano, possui uma vasta biblioteca de cerca de 80 mil volumes cobrindo todo o século XIX brasileiro e boa parte do XX. Encontra-se ainda naquele centro uma valiosa coleção de obras de literatura francesa, italiana e inglesa do século passado, constituindo-se, para quem quiser investigar os literatos dessa época, num local de fácil acesso a milhares de obras. Contudo, creio que mais valioso do

---

\* Doutorando em história social pela Unicamp.

que isso é o fato de que todos esses livros pertencem a coleções doadas pelas famílias de acadêmicos mortos. Destacam-se na ABL as coleções dos poetas parnasianos Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, do romancista Afrânio Peixoto e ainda de Carlos Magalhães de Azeredo (que se constitui basicamente de obras em italiano), Manuel Bandeira e Machado de Assis, entre outros. Assim, a biblioteca da centenária “casa de Machado de Assis” constitui-se talvez no maior acervo pessoal de escritores brasileiros de que se tem notícia. Quase desconhecido dos historiadores – e creio que também dos críticos literários –, é um local que possui um campo ainda virgem para estudos sobre as formas de leitura letrada no século XIX, sobre a formação artística e literária de escritores e sobre os interesses intelectuais destes mesmos sujeitos. Entrar nas coleções particulares de literatos é se aproximar sobremaneira de sua intimidade. A questão das relações pessoais, amizades e grupos que se formavam pode também ser elucidada pela pesquisa de tais coleções, uma vez que no século passado eram extremamente comuns a troca de livros, as dedicatórias, e o envio das obras dos iniciantes para os escritores de renome, em busca de ajuda na conquista do estrelato e da fama literária.

A título de curiosidade, vale lembrar que existem por lá algumas preciosidades, tais como as primeiras edições das obras de Machado de Assis, das *Rimas* e de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, da *Encyclopédie* de D’Alambert, do *Vocabulário Português e Latino*, de Rafael Blitau (1712) e do *Dicionário da Língua Portuguesa* (1813) de Morais.

A ABL possui ainda um outro espaço tão pouco desbravado quanto sua biblioteca. Trata-se de seu arquivo. Nele estão guardadas coleções de todos acadêmicos que por lá já passaram. São arquivos pessoais que se apresentam sob diversas formas, tanto em variedade quanto em quantidade. De uma maneira geral, podemos encontrar originais de obras, manuscritos vários (como documentos das contas bancárias de Machado de Assis, a monografia do exame de admissão de Artur de Oliveira para a cátedra de lógica do colégio Pedro II e cadernos de anotações), fotos, recortes de jornais e, sobretudo, correspondências pessoais. Para o século XIX, há valiosas coleções de cartas de José Veríssimo, Olavo Bilac, Coelho Neto, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, visconde de Taunay,

barão do Rio Branco e outros mais. Embora para boa parte desses literatos não sejam as maiores coleções individuais, no conjunto trata-se de uma quantidade e uma variedade sem par. Sem recorrer a outros arquivos, é possível ter uma ampla medida das relações que se estabeleceram entre eles.

Tanto o arquivo quanto a biblioteca possuem um fácil acesso (o endereço está no final deste relato), embora o horário de pesquisa seja um tanto restrito: das 13:00 às 18:00, de segunda a sexta-feira, sendo que quinta-feira a ABL fecha aos visitantes ou pesquisadores, tendo em vista ser esse o dia da reunião semanal dos imortais (o famoso “chá das cinco”). Outro problema se refere à classificação e à localização de livros e manuscritos. Com as festividades do centenário, a Academia investiu na remodelação e na ampliação de seus serviços. Assim, tanto a biblioteca quanto o arquivo estão passando por constantes períodos de fechamento. Na biblioteca, os livros estão sendo recatalogados, embora o espaço físico tenha se mantido o mesmo. Não há um espaço reservado para os leitores e pesquisadores, que devem trabalhar em meio à atividade burocrática dos bibliotecários e, duas vezes por semana, em meio a visitas guiadas pelas salas do palacete. O arquivo, por sua vez, está tendo suas salas consideravelmente ampliadas. No projeto está prevista ainda uma sala com aparelhos de leitura de microfimes (parte da coleção será microfilmada) e outra com computadores. Todo o material está sendo recatalogado e o acesso a ele será restringido. Quando o autor destas linhas lá se encontrava pesquisando, podia-se ir diretamente às estantes e folhear livremente as pastas com manuscritos e similares. Também ao contrário de antigamente, a reprodução de originais será submetida a avaliação e a um termo de compromisso do pesquisador quanto a (não) reprodução do material para fins comerciais. Não se sabe ainda quanto tempo durarão as reformas, mas desde já o arquivo e a biblioteca da ABL são espaços que deveriam chamar mais a atenção de historiadores e de críticos literários interessados em nossa história intelectual e cultural.

A Academia Brasileira de Letras se encontra na Avenida Presidente Wilson, 203, CEP 20030-021, Centro, Rio de Janeiro.